

(Auto)Biografias: histórias de vida em formação com a música e a construção da experiência em tempos de pandemia

Comunicação

Daniel Martins Pitanga
Universidade de Brasília - UnB
daniel.m.pitanga@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta um relato pessoal e os pilares de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como objetivo a construção e o compartilhamento de experiências a partir das narrativas de três sujeitos que dedicaram a maior parte de suas vidas à prática e a pesquisa em música. Sob o método (auto)biográfico e orientada pelos conceitos de narrativa, experiência e alteridade, pretende-se criar uma série de episódios de um *podcast*, através dos quais seja possível construir uma experiência formativa individual e coletiva. São abordadas também algumas questões e desafios surgidos em função da pandemia causada pela Covid-19 e possibilidades de ação para o campo da educação musical.

Palavras-chave: (auto)biografia, musicobiografização, experiência

Introdução

Brasília, 161º dia de restrição ao convívio social. Desde este apartamento já surgiram e se transformaram o medo, a ansiedade, a tristeza, a razão e a loucura. Também se resignificaram conversas, amizades, aprendizados e a música. Esta, foi a que mais se reconfigurou por aqui. Em sua companhia, sigo vivendo em modo assíncrono ao mundo externo, onde os dias têm durações imprecisas e o passado tende a se fundir com o futuro. Provavelmente, para muitos de nós o tempo musical tomou a posição e a função do tempo cronológico.

Dentre ausências e incertezas, a música, talvez a mais efêmera das artes, é percebida como uma concreta e potente estrutura de conexão entre as pessoas. Avalio que essas conexões operam em variados níveis de experiência. Sabendo que a música pode ser produzida, consumida, compartilhada e simbolizada de diferentes maneiras, pergunto: é

possível compreender e (trans)formar a própria existência ao ser exposto à uma narrativa de vida dedicada à música?

Este texto apresenta um relato pessoal e os pilares de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como objetivo a construção e o compartilhamento de experiências a partir das narrativas de três sujeitos que dedicaram a maior parte de suas vidas à prática e a pesquisa em música.

Sustentada pelo método (auto)biográfico, a pesquisa se situa no campo da educação musical e promove um diálogo com autores da educação, filosofia, antropologia e literatura, a partir do conceito de musicobiografização.

Ponto de recomeço

No início do mês de março de 2020, as notícias sobre uma nova forma de vírus se intensificaram em todos os meios de comunicação e nas redes sociais. Eram os primeiros dias do meu segundo semestre no mestrado. Tudo aparentava normalidade, apesar de perceber a aproximação de uma ameaça invisível. Minha pesquisa estava bastante definida e se iniciavam as idas a campo. Envolvido pelo amor à escola pública, decidi pesquisar as experiências docentes e discentes no ambiente escolar e contribuir com a construção de um programa de música para uma escola de educação básica.

Após a suspensão do calendário da universidade, e sufocado por longos e recorrentes debates sobre as formas de se estabelecer contatos não presenciais, percebi a partir de um certo ponto que a minha pesquisa perdia em parte sua razão de existir. Quando o retorno às atividades presenciais se torna indeterminado e, mais que isso, com a clareza de que a escola ainda enfrentará um longo período de adaptação para a retomada das aulas, decidi assumir uma atitude de enfrentamento pessoal à situação que se impunha. Reestabelecido do choque inicial do número de casos de contração da doença e mortes, dentre as quais importantes nomes da nossa área, busquei pôr em perspectiva os passos dados na pesquisa inicial, mantendo viva a vontade de me relacionar com as pessoas e o exercício de compreender as suas experiências de vida.

A primeira ação que realizei foi criar um grupo de estudos sobre música. Acionei minha rede primária de amigos e ex-alunos de música e criei o grupo Candeeiro Musical, tendo como símbolo uma chama que não se apaga. A partir do imaginário criado pela música “Forró no Escuro” de Luiz Gonzaga e Miguel Lima, reunimos um grupo inicial com 45 pessoas interessadas em conversar sobre música brasileira e experiências de vida. Desde então, este grupo se reúne virtualmente toda semana para conversas, palestras, escutas e análises musicais.

O exercício de curadoria e mediação das conversas realizadas no grupo, revelou indiretamente um caminho para a retomada da minha pesquisa científica. Escolhi mergulhar no processo de construção de narrativas de vida em formação com a música embarcadas na produção de um *podcast*. O que ficou imediatamente estabelecido é que o novo foco da pesquisa não trata sobre o seu aparato tecnológico ou midiático, mas sobre a exploração e o aprimoramento das configurações narrativas e construções retóricas. De fato, a roteirização, gravação, edição e publicação de um *podcast* envolvem diversas questões determinantes na pesquisa, mas seu foco principal incide sobre o arcabouço do método (auto)biográfico e suas possibilidades de pesquisa e formação.

Ponto de encontros: narrativa, experiência e alteridade

O panorama histórico do “movimento (auto)biográfico” no Brasil (PASSEGGI; SOUZA, 2017) revela que uma mudança de paradigma iniciada nos anos de 1980 obteve forte impacto no campo da educação, quando retoma as experiências do sujeito como cerne de suas pesquisas. Realizada a partir de diversas metodologias, a pesquisa (auto)biográfica tem como foco as narrativas de experiências de vida e busca compreender como os sujeitos se configuram e se formam. É importante ressaltar que o processo de configuração narrativa não representa um registro total e contínuo de uma história de vida, mas uma articulação simbólica de acontecimentos compreendidos em um tempo passado, que são grafados ou infiltrados em um tempo presente. A partir destes pressupostos se estabelecem algumas relações inerentes ao método (auto)biográfico, que estou chamando aqui de ponto de encontros.

Um dos mais importantes autores para a área de estudos (auto)biográficos, o filósofo francês Paul Ricoeur, foi responsável por estabelecer e desenvolver diálogos entre pensadores durante o século XX. Em sua obra, sistematizou um processo de configuração e análise de narrativas, onde “descreve a mediação entre tempo e narrativa em três aspectos de *mimesis*, os quais denominam-se prefiguração, configuração e reconfiguração” (HARTMANN, 2015, p. 18). Com sua hermenêutica, Ricoeur nos deixa como legado a articulação e a interdependência entre os conceitos de narrativa, experiência e alteridade. Além disso, põe em pauta uma importante reflexão acerca da compreensão sobre a linguagem e o tempo. Publicada tardiamente, a obra “Tempo e Narrativa” (RICOEUR, 1994), além de apresentar e desenvolver os temas, acaba por indiretamente instaurar uma conexão entre pensadores do passado, como Walter Benjamin, e contemporâneos, como Delory Momberger e Jorge Larrosa, para citar alguns dos mais próximos à minha pesquisa.

A narrativa, a experiência e a alteridade como referenciais teórico-conceituais são tomadas como pilares da pesquisa em andamento. Seus encontros, desencontros e entrecruzamentos ao constituírem as bases do pensamento (auto)biográfico, proporcionam um rico diálogo e, desta forma, orientam e dão sentido às etapas da pesquisa. Mais adiante, ao falar sobre os sujeitos e o dispositivo de registro e divulgação das narrativas, retomarei essa questão com mais foco. Neste momento, destaco algumas contribuições que julgo pertinentes a partir da literatura.

De forma apaixonada e poética, Jorge Larrosa trás suas contribuições para o campo da educação dialogando e ampliando o pensamento de Walter Benjamin. Em seu texto “Experiência e Paixão” (BONDÍA, 2007), o pedagogo espanhol propõe uma reflexão sobre a experiência na contemporaneidade, apresentando suas preocupações e os perigos de se desenvolver um “discurso da informação” como modo de gerar conhecimento. O que o autor chama de “destruição da experiência” (BONDÍA, 2007, p. 153), está diretamente relacionado com as construções benjaminianas sobre o empobrecimento da experiência. Salvo suas diferenças temporais e geográficas, ambas retóricas tratam sobre um mesmo processo, iniciado a partir das transformações na construção narrativa. Em outras palavras, o processo

de individualização do sujeito no mundo moderno altera radicalmente a construção da linguagem, transformando de maneira irreversível a experiência e o seu compartilhamento.

Amplamente discutido na literatura, e por vezes com diferentes recortes, o conceito de experiência trata de algo vivido, ou experimentado pelo sujeito. Dentro da perspectiva (auto)biográfica, a experiência está diretamente relacionada com a narrativa, e desta forma se constrói uma determinante relação com a linguagem. Ao definir a experiência, Jorge Larrosa nos chama atenção para a linguagem quando afirma que o homem não utiliza a palavra como “uma ferramenta, mas que o homem é a palavra” (BONDÍA, 2007, p. 153). Entretanto, a experiência não se trata de qualquer coisa que acontece ou se passa, mas é o que nos passa. Neste sentido, o conceito de experiência faz emergir as noções de inter-relação, de interpelação, de exposição e perigo. Segundo Larrosa (2007, p. 162), Passeggi (2011, p. 148) e Hartman (2015, p. 16), as palavras em língua alemã *Erlebnis e Erfahrung* apresentam diferentes significados ou modalidades da ideia de experiência, sendo que somente a segunda, comporta um sentido mais amplo, contínuo e social. Para os estudos (auto)biográficos essa noção tem grande valor pois “remete a um aprendizado ou experimentação, em que algo de fundamental se tece no encontro, ou seja, através da possibilidade de uma comunicação e construção de sentido coletivamente” (HARTMANN, 2015, p. 16).

Conversando com Benjamin e Ricoeur evidenciamos uma aproximação entre a experiência e a narrativa em seu sentido social. A partir disso, podemos também estabelecer uma conexão destas com a alteridade, visto que o processo narrativo consiste num compartilhamento cultural e simbólico a partir da comunicação. Neste contexto a ideia de alteridade implica a noção de interlocução, no sentido da relação eu-outro, o que é diferente do altruísmo ou de uma abordagem ontológica.

Para Ricoeur o caráter polissêmico da *alteridade* implica considerar três níveis: a experiência do “corpo próprio” – centro de gravidade da alteridade; “a relação de si com o *estranho* no sentido preciso de diverso de si”; e “a relação de si como si-mesmo”. A partir desses três níveis, a alteridade mostra sua força na constituição da identidade pessoal do antropólogo ou de qualquer pessoa que busca conhecer a si mesmo (MAFFIOLETTI, 2020, p.12, destaques da autora).

Neste ponto se faz necessária a contextualização das ideias apresentadas dentro da estrutura da pesquisa. Para isso, retomo a pergunta inicial apresentada na introdução: é possível compreender e (trans)formar a própria existência ao ser exposto à uma narrativa de vida dedicada à música? Aparentemente retórica, essa questão congrega os principais postulados apresentados e nos convida ao diálogo com a experiência musical. Melhor que a tentativa de respondê-la é a compreensão de sua provocação.

Pensando com Maffioletti (2020), partimos para uma análise global da questão com foco na experiência de conhecimento de si pelo próprio sujeito.

[...] a experiência de pensamento que contribui para o conhecimento de si não é da ordem do imediato, do tipo *penso – existo*, mas uma compreensão que precisa ser mediatizada pelas representações, pelas imagens, pelas ações, pelas coisas ditas e pensadas (MAFFIOLETTI, 2020, p. 15).

Se de um lado temos um narrador que constrói simbolicamente sua experiência e nesse processo mimético reconfigura sua compreensão de si, de outro, temos um interlocutor que apreende a experiência narrada e através das articulações de linguagem e pensamento, constrói e reorganiza sua própria compreensão. Com respeito à hermenêutica ricoeuriana a questão temporal assume grande importância, pois todas as etapas do processo mimético podem compreender múltiplas entradas entre diversos tempos. Assim, compreendemos que “a consciência não é imediata. Ela não é uma fonte, mas uma tarefa, a tarefa de tornar-se mais consciente” (RICOEUR, *apud* MAFFIOLETTI, 2020, p. 15).

Ainda sobre análise da questão, a locução “ser exposto” nos aproxima da ideia de experiência, ao mesmo tempo em que deixa em aberto a possibilidade desta não se efetivar. Com Larrosa compreendemos que “a cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa” (BONDÍA, 2007, p. 154) e que o sujeito da experiência como um território de passagem onde a experiência pode se dar, é um sujeito exposto (BONDÍA, 2007, p. 161). E concluímos que “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (BONDÍA, 2007, p. 163). Ao refletir sobre essas condições, descobrimos que na ausência da alteridade a experiência não se estabelece e na ausência da experiência, perde-se o sentido da narrativa. Assim, podemos ampliar esse entendimento e

perceber que todos os dias muitas narrativas são construídas e transmitidas, mas não necessariamente serão experienciadas e reconfiguradas.

Como fechamento desta seção, convido ao ponto de encontros, a ideia de histórias de vida em formação com a música, cuja alusão no título deste artigo aponta para o conceito de musicobiografização. Este que surge a partir da noção da biografização, onde se explicita um “processo permanente de aprendizagem e de constituição sociohistórica da pessoa que narra” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 9). Como veremos logo a seguir, a musicobiografização aborda em um processo formativo a tomada de consciência de si a partir de suas experiências de vida com a música. Ficam assim estabelecidas as relações entre narrativa, experiência, alteridade e a música.

A desconstrução do tempo cronológico: o tempo musical e o compartilhamento de histórias de vida em formação com a música

Achei muito precisa essa questão de tratar a gravação como uma foto do momento. Realmente, bate um *flash* e eu consigo lembrar. Vamos fazer isso, não vamos fazer aquilo. Dá até pra sentir o cheiro da pizza que a gente comeu depois. Isso é uma coisa muito marcante. Quando eu paro para ouvir meus discos e olho no encarte, sempre me dá essa reflexão: qual será o baixista que gravou? Qual o ambiente? Será que o estúdio tinha cheiro de cigarro? Parar para ouvir música não só como vibração no seu ouvido, mas como uma coisa mais construída. É uma coisa importante também. (CARVALHO, Hugo Neves de, 2020, 16/07/2020)

A música, assim como a narrativa, em seu processo comunicativo nos permite acessar a experiência em tempo passado a partir de um processo formativo. Desta forma, a musicobiografização ao compreender a música como linguagem, estabelece não somente os parâmetros de comunicação e compartilhamento das experiências, mas a possibilidade de nos formarmos, individualmente e coletivamente.

Repleta de sinestésias, a fala de Hugo de Carvalho, transcrita a partir de uma das conversas no grupo Candeeiro Musical, apresenta uma reflexão que transcende a organização linear do tempo. Ao resgatar uma memória de sua primeira experiência de gravação, coloca em perspectiva a possibilidade de relacionar uma configuração de um fato passado, com o tempo contínuo. No momento em que relaciona uma experiência vivida a um de seus hábitos,

a sua narrativa estabelece uma espécie de paradoxo atemporal, onde torna-se possível acessar infinitas vezes aquela lembrança ao escutar seus discos. Aqui pontua-se a relação com o sentido de trajetória contido na palavra *Erfahrung*. Uma análise do registro da conversa, nos possibilita perceber que durante a configuração de seu relato, o estudante de contrabaixo, constrói para si um conhecimento novo ao relacionar sua experiência de vida com a ideia de que as gravações musicais são como registros fotográficos de um momento específico. Desta maneira, sua configuração narrativa comporta além de experiências, imagens, cheiros e conhecimentos, uma profunda relação com os sons e a música em seu processo formativo.

A partir destas reflexões, é possível entender que o conceito de musicobiografização não organiza um método de educação musical, mas versa sobre capacidade do sujeito de tomar consciência a partir de suas configurações narrativas. Entendemos com Delmary Abreu que

a musicobiografização não objetiva, por exemplo, formar alguém em educação musical, mas compreender os modos como os indivíduos desenvolvem, nas histórias de vida em formação com a música, a capacidade de tomada de consciência de si como alguém que se apropria, e sabe observar o que apropria e como apropria e decide sobre o que fazer com aquilo que apropriou. Portanto, a musicobiografização é mais que um dispositivo de construção da ação de dar sentido para a relação da(s) pessoa(s) com a(s) música(s). Ela é o próprio sentido (ABREU, 2017, p. 213-2014).

Percorridos os títulos do ponto de encontros e o tempo musical, podemos avançar para os aspectos operacionais da pesquisa estabelecendo suas relações com o referencial teórico.

Ponto de sedução: musicobiografizações em um *podcast*

O uso das narrativas históricas faz parte do cotidiano. A história produzida merece ser preservada para as futuras gerações, mas só é preservado o que tem sentido social. Integrado ao dia a dia presente, de forma acessível e útil, o registro e o uso das histórias se perpetuam. Tão importante quanto contar uma história é fazer com que seja ouvida e usada. (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 14)

Próximo de completar seis meses de reclusão, dentre os quais passei sozinho a maioria dos dias em um pequeno apartamento, observo com grande preocupação o processo de transformação das relações de produção, consumo e ensino de música. Por ser uma pessoa relativamente reservada, durante algum tempo recebi com certa dificuldade as constantes “presenças” de visitantes estranhos na minha casa através das muitas reuniões virtuais diárias. Logo me encontrei agregado a um grande número de companheiros que assumiu um processo de reinvenção de si. Avaliar esse processo inevitavelmente me conecta com o questionamento sobre o meu papel na sociedade. Para fugir do óbvio ao falar sobre *lives*, desemprego e questões políticas mais amplas, trarei nesta seção uma visão sobre as relações com a música, a internet e seus processos formativos.

Ao retomar as ideias de Larrosa sobre a experiência, nos deparamos com as noções de “travessia e perigo” (BONDÍA, 2007, p. 162). Vivenciar a quarentena como um período de travessia, significa assumir a companhia do medo, da incerteza e do perigo. A meu ver, a relevância desse pensamento consiste em entender que o processo de formação se dá na experiência, ou seja, durante a travessia. Observar e aceitar as proporções da situação a que estamos sujeitos, significa permitir que o processo de transformação em curso nos reorganize de forma definitiva ao alcançarmos a outra margem.

Expostas essas questões, e sem alimentar um discurso apocalíptico, busco trazer foco para o que está em pauta neste momento dentro do contexto da minha pesquisa: como podemos nos apropriar da música em seus aspectos culturais, artísticos e educativos no contexto das atuais crises da saúde, política, educação e cultura? Uma resposta para essa questão seria: por meio da reconfiguração de narrativas de histórias de vida de pessoas com ampla experiência na prática e na pesquisa em música, veiculadas em uma série de episódios de um *podcast*.

Por mais que seja óbvio, é preciso afirmar que tanto a pesquisa quanto o *podcast* não têm como objetivo a solução dos problemas que vivemos ou dos desafios que enfrentamos na produção, consumo e ensino da música. Acredito que reside neste ponto a beleza e o grande potencial da internet, a liberdade de produzir e escolher o que se consome e, a partir disto, surge a sedução.

Minhas navegações na internet, sejam elas propulsionadas por um desejo ou à deriva, me mostram que os conteúdos de maior acesso são conduzidos por uma sedução. E explico que não se trata de uma insinuação sexual ou algo do tipo, mas que em um mar de tesouros, relíquias, aventuras e perigos, o pirata está sempre em busca da história mais incrível para contar ou ouvir. Para nós músicos e educadores, talvez poucas coisas sejam mais sedutoras do que ouvir uma pessoa experimentada e apaixonada pela música contar suas histórias.

De forma objetiva, essa ideia de sedução trás para a superfície a discussão sobre forma, conteúdo e objetivos dos materiais produzidos para a internet. Acredito que especialmente no contexto da educação musical, são necessários um cuidado e um olhar especial sobre potencial comunicativo das produções. Se um músico ou educador não provocava um sentimento de empatia em seu público antes da pandemia, provavelmente não serão os artefatos tecnológicos que o farão. Para isto servem também as navegações na internet e o laboratório no grupo Candeeiro Musical. A conexão estabelecida pela sedução é aquela que nos permite visitar e ser visitado nos mais diversos ambientes. E nossas “presenças” não comportam somente nossos corpos, mas também nossas histórias, nossas experiências e nossos conhecimentos.

Em acordo com a citação apresentada no início deste título, de que a história produzida merece ser preservada, mas que são perpetuadas as coisas que têm sentido social, pretendo selecionar sujeitos narradores cujas histórias de vida sejam profundamente permeadas por um sentido de condução social de suas vidas. Pessoas que nos diversos momentos de sua existência, existiram na presença e em função do outro. Desta forma, são caras para este estudo que se desenvolve, as perspectivas da música e cultura popular, que dialoguem com a educação em suas variadas configurações, que tenham relação com a narratividade e a tradição oral, mas que não estejam limitadas a elas, expandindo suas compreensões inclusive dentro do universo acadêmico.

No aspecto teórico-metodológico, a realização e a divulgação das entrevistas narrativas em formato de *podcast* se ocupam de tornar públicas narrativas de experiências de vida que contemplem a alteridade em seu sentido amplo e humano. A pesquisa por sua vez,

através de sua redação dissertativa, compreende simbolicamente as etapas e desdobramentos da tríade hermenêutica ricoeuriana, no momento em que os ciclos miméticos são abertos e fechados em suas leituras conjuntamente com a audição das narrativas.

Ponto de partida

Se a narrativa nos permite desconfigurar e reconfigurar o tempo, seu registro e divulgação nos proporcionará estabelecer nossas presenças em múltiplos espaços.

Se a experiência sofre um processo de empobrecimento ou destruição, cabe a nós iniciar um processo de auto exposição, abdicar do domínio e do controle absoluto dessa nossa embarcação durante a travessia que vivemos, pois só assim a concluiremos (trans)formados.

Se a empatia ou a alteridade se afasta de nós em tempos de mentiras, tristezas e incertezas, talvez um ponto de partida para retomá-las seja compreender-se a si mesmo. Compreender-se em formação com a música.

Se quer uma resposta para a pergunta ainda não respondida: é possível compreender e (trans)formar a própria existência ao ser exposto à uma narrativa de vida dedicada à música? Eu digo que é tão possível quanto necessário. Pois como nos lembram as músicas de Dominginhos e Luiz Gonzaga, é preciso conhecer o forró lá do meu sertão, e o forró não pode parar.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois Educadores Musicais do Distrito Federal. *InterMeio*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 207-227, jan./jun. 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e Paixão. In: LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. São Paulo: Autêntica, 2007. p. 151-165.

CARVALHO, Hugo Neves de. 7º encontro do grupo Candeeiro Musical, 16/07/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=67PL9nKwlt8>

HARTMANN, Sara. Walter Benjamin e Paul Ricoeur: narração e experiência por vir. *Cadernos Benjaminianos*, nº 9, p. 13-23, 2015.

MAFFIOLETTI, Leda de A. Alguns conceitos que situam a Educação Musical no âmbito da pesquisa (auto)biográfica. In: ARAÚJO, Juliana P.; ERBS, Rita T. C. (org.). *O humano na pesquisa (auto)biográfica: Diversidade de contextos e experiências*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020. p. 189-210.

MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias*. São Paulo: 2009.

PASSEGGI, Maria da C. A experiência em formação. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

PASSEGGI, Maria da C.; SOUZA, Elizeu C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, 2(1), p. 6-26, 2017.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.